




CAPÍTULO 8

BREVES REFLEXÕES SOBRE DESENVOLVIMENTO HUMANO E O PROCESSO DE AUTOCONHECIMENTO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.532182530068>

Maria Lucileide Mota Lima

Doutora em Educação; Professora do IFBA – Campus Salvador

Dinéa Maria Sobral Muniz

Doutora em Educação, professora aposentada da UFBA

RESUMO: Este artigo reflete as inquietações das autoras sobre a formação de futuros professores da educação básica. São apresentadas reflexões sobre o desenvolvimento humano, o processo de autoconsciência, o método socrático da construção do conhecimento, o diálogo e a questão do não saber socrático, os quais são aqui considerados fundantes para o educador em formação. São feitas, ainda, considerações a respeito da importância da atitude filosófica, da ética e da capacidade reflexiva crítica para a formação do cidadão e, conseqüentemente, para a construção de uma sociedade equânime. O presente trabalho apresenta discussão sobre pressupostos socráticos, entre esses, o do diálogo, apontando para seu valor também na perspectiva bakhtiniana. Trata-se do valor do diálogo para o desenvolvimento integral, transdisciplinar dos seres humanos, principalmente, dos educadores em formação.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento humano, Autoconhecimento, Formação do educador da educação básica, Diálogo

Pensar a formação do professor para a educação básica, nos remete aos ensinamentos sobre a atitude filosófica de buscar conhecer, investigar, questionar e refletir. Saberes esses, que cada cidadão deve exercitar, a princípio, consigo mesmo. Ou melhor, a primeira atitude de um aprendiz, desde Sócrates, consiste em uma contínua autoinvestigação e reflexão sobre os próprios conceitos, verdades, virtudes, crenças e ações. Acreditamos que essa atitude deve ser inserida, também, nos

processos de formação do educador, principalmente, da educação básica, como uma possibilidade de aprendizado e como um compromisso do educador em formação e de todos aqueles que assumem a tarefa, ou melhor, a missão de educar.

A complexa e difícil, mas nobre ação de educar, se constitui em uma teia interdependente, inter-relacionada, interativa e transdisciplinar de atos dialógicos, que envolvem conhecimentos tanto teóricos quanto práticos, éticos, estéticos, culturais, artísticos, ideológicos, entre outros. Esses atos processuais têm como principal função formar e desenvolver o ser humano em sua inteireza. Sabemos que grande parte da formação do ser humano ocorre a partir das trocas de experiência, nas relações entre educandos e educadores. Por isso, a responsabilidade e a grandiosidade dessa missão de educar.

Considerado por Pessanha (1987) um dos primeiros educadores ocidentais, Sócrates buscou desenvolver em seus discípulos a capacidade de conhecer e de aprender a tornarem-se virtuosos. Ele os orientava para a realização de exercícios de autoconsciência e fazia questão de praticar esses exercícios, pois queria ser ele próprio o exemplo. Tal aprendizado passa pelo processo de autoconhecimento no qual o indivíduo deve colocar os seus conceitos em dúvida. Ou seja, disponibilizar-se para rever, para questionar, para aprender e para refletir sobre ele mesmo (seus valores, pensamentos, sentimentos, crenças, preconceitos, ações, relações, conhecimentos) e sobre o mundo.

Esses ensinamentos representam, ou deveriam representar para o imaginário do futuro educador, um modelo de busca de autoconsciência e de auto-desenvolvimento não visando atender aos interesses sociais que hoje se constitui em acúmulo de poder, de *status* e de conquistas financeiras que possibilitem os prazeres efêmeros e o consumo ilimitado. O nosso desejo, assim como, o de Sócrates é formar cidadãos virtuosos, capazes de pensar com autonomia, de questionar, de refletir e de construir o bem comum.

A orientação de Sócrates foi recentemente retomada pelos responsáveis pela comissão de educação da UNESCO. Essa comissão destaca que o desenvolvimento integral do ser humano deve se tornar uma prioridade nos processos educativos. Sendo que, para tanto, os educadores devem vivenciar processos de autoconsciência. Segundo, representantes dessa comissão, o autoconhecimento é essencial para a consolidação de desenvolvimento integral do ser humano, por isso, fundamental para os educadores.

A ABORDAGEM DA COMISSÃO DA UNESCO A RESPEITO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E A EDUCAÇÃO – BREVE COMENTÁRIO

Os integrantes da comissão da UNESCO para a Educação trataram, em seu relatório transformado no livro “Educação um tesouro a descobrir”, da urgência do ser humano e das suas organizações empreenderem um novo olhar e um novo atuar para o desenvolvimento humano. Nas palavras deles: “as competentes instâncias das Nações Unidas a dar ao conceito de desenvolvimento um significado mais amplo, que ultrapassa a ordem econômica para considerar também a dimensão ética, cultural e ecológica.” (DELORS et. al., 2002, p. 80). Para esta comissão, o “bem-estar humano deve ser considerado como a finalidade principal do desenvolvimento”. Desta forma, o conceito de desenvolvimento humano não deve estar fundamentado, apenas, no âmbito econômico, mas na necessidade de empreender bases educacionais, políticas, sociais e organizacionais do desenvolvimento humano integral.

De acordo com a comissão da UNESCO, para que o desenvolvimento humano atenda a sua real dimensão, faz-se necessário incluir nos processos educativos práticas e ou vivências que possibilitem a autocompreensão e o autoconhecimento, Delors (2000, p. 20) faz o seguinte comentário, no Prefácio da obra citada:

E ainda, por causa de outra exigência para a qual o relatório chama a atenção: não deixar por explorar nenhum dos talentos que constituem como que tesouros escondidos no interior de cada ser humano. Memória, raciocínio, imaginação, capacidades físicas, sentido estético, facilidade de comunicação com os outros, carisma natural para animador [...] e não pretendemos ser exaustivos. O que só vem a confirmar a necessidade de cada um se conhecer e compreender melhor.

O terceiro capítulo do relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, intitulado ‘Do crescimento econômico ao desenvolvimento humano’, é dedicado ao tema desenvolvimento humano. Nele é abordada a necessidade de revisão e de ampliação do entendimento sobre o desenvolvimento humano, já que, de acordo com seus autores, a forma como ele é tratado e medido leva em conta apenas os aspectos econômico, financeiro, tecnológico e científico: “O objetivo de puro crescimento econômico revela-se insuficiente para garantir o desenvolvimento humano” (DELORS et al., 2000, p. 79).

Essa forma de pensar e medir o desenvolvimento da humanidade não atende às necessidades humanas e não alcança a amplitude a que realmente se propõe o desenvolvimento humano que, segundo o Relatório, deve abranger a todas as dimensões e potencialidades do ser humano. Que, segundo a comissão: “[...] as pessoas atribuem grande valor e que vão desde a liberdade política, econômica e social, à possibilidade de exprimir a sua criatividade ou a sua capacidade de produzir, passando pela dignidade pessoal e o respeito pelos direitos humanos. (DELORS et al., 2000, p. 81).

O foco econômico atribuído ao desenvolvimento humano pela cultura e pela educação tecnicista, que visa formar indivíduos para produzir e consumir atende às prerrogativas do mundo capitalista globalizado, que reduzem o ser humano a apenas algumas das suas potencialidades: racional, lógica e técnica. Desta forma, desconsidera inúmeros outros aspectos e características humanas, como sensibilidade, a criatividade, a imaginação, a afetividade, a arte, a ética o sentido estético... que precisam ser conhecidas e desenvolvidas. Para os autores do referido relatório, o desenvolvimento humano deve ser compreendido não só no aspecto técnico e econômico, mas como um processo que objetive ampliar as possibilidades oferecidas às pessoas. Eles consideram que este processo deve ser uma das responsabilidades da educação para o século XXI:

[...] a educação contribui para o desenvolvimento humano. Contudo, este desenvolvimento responsável não pode mobilizar todas as energias sem um pressuposto: fornecer a todos, o mais cedo possível, o “passaporte para a vida”, que os leve a compreender-se melhor a si mesmos e aos outros e, assim, a participar na obra coletiva e na vida em sociedade. (DELORS et al., 2000, p. 82).

A humanidade segue, de forma alienada, um modelo de desenvolvimento como sinônimo de progresso material, financeiro e tecnológico, transmitido pela educação tecnicista, praticado pelas organizações e pela sociedade, sem se dar conta de que o referido modelo foi criado e é alimentado pelos “países desenvolvidos”¹ para manter o monopólio econômico. A consequência desta prática de desenvolvimento voltado quase que integralmente para o progresso financeiro é a desigualdade, o sofrimento, a separatividade², a competitividade selvagem em busca de conquistas e/ou recompensas materiais e exteriores.

Nesse modelo de desenvolvimento grande parte dos seres humanos está regida pela *regra* na qual vale tudo para se conseguir o que se deseja, ou melhor, o que a cultura em sua dimensão tanto social, quanto econômica determina e induz o indivíduo a querer, e que a pessoa acredita que realmente necessita. Este ideal é, de certa forma, imposto a grande parte dos seres humanos, pela educação tecnicista, pela mídia e pelos pseudovalores reproduzidos e divulgados por estas instituições. Pseudovalores, estes, que visam formar indivíduos para produzir e consumir atendendo, assim, às prerrogativas da modernidade.

A Comissão da UNESCO propõe uma outra dimensão semântica para o significado do desenvolvimento humano que deve promover o desenvolvimento do ser humano na sua integralidade. O conteúdo do Relatório ressalta que todo o espetacular avanço tecnológico demonstra a capacidade técnica, racional e operacional do ser humano

¹ O Relatório considera “países desenvolvidos” aqueles que detêm o poder financeiro e tecnológico e, conseqüentemente, ideológico no sistema capitalista atual (DELORS et al., 2000).

² Consideramos separatividade o estado de distanciamento de si mesmo, dos seus semelhantes, da natureza e mesmo da divindade no qual ser humano se encontra. Esta sensação de separação, de isolamento, de solidão agrava, talvez de forma inconsciente, o egoísmo, a competitividade, a agressividade, a violência e os conflitos nas relações pessoais e interpessoais e gera mais separatividade.

para lidar com o seu meio e vencer obstáculos. No entanto, ressalta que os custos deste *progresso* estão sendo extremamente altos. Além dos aspectos emocionais e psicológicos (solidão, separatividade, egoísmo, competitividade selvagem...), existem os ecológicos e os desumanos (a desigualdade, a exclusão, a fome...). O inconsequente desejo de alguns seres humanos de dominar e explorar a natureza para atender as suas expectativas desenvolvimentistas causaram a crise ambiental que vivemos hoje com graves consequências para a humanidade. Assim a comissão julga: “necessário definir a educação, não apenas na perspectiva dos seus efeitos sobre o crescimento econômico, mas de acordo com uma visão mais larga: a do desenvolvimento humano”. (DELORS et al., 2000 p. 69).

O desenvolvimento humano deve estar voltado para o bem-estar humano que corresponde ao desenvolvimento de todas as potencialidades e especificidades dos seres humanos (corpo, razão, intelecto, emoção, sentimento, afeto, criação, arte, intuição, espiritualidade³). “O Desenvolvimento humano [...] junta à produção e distribuição de bens e serviços, a amplificação e utilização das potencialidades humanas” (DELORS et al., 2000, p. 82).

De acordo com a Comissão da UNESCO, o desenvolvimento da criatividade e da capacidade humana de produzir deve estar a serviço de um desenvolvimento humano que tenha, entre suas prioridades, o respeito aos direitos humanos e à dignidade pessoal do indivíduo. Deve, também, lhe possibilitar o aprendizado e a conquista de meios para sobreviver com a realização de um trabalho significativo.

Cabe à educação preparar o ser humano para o desenvolvimento humano mais harmônico no qual os ideais de paz, liberdade e justiça social sustentem políticas e práticas educativas que possam possibilitar a construção de uma sociedade mais justa, mais inclusiva. Coletividade esta, na qual os direitos e os valores humanos universais (justiça, amor/amizade, prudência, conhecimento, sabedoria, coragem, transcendência) sejam respeitados e colocados em prática, promovendo o recuo da pobreza, da exclusão social, das incompreensões, das opressões e das guerras.

Para que a construção dessa *nova sociedade* enraizada na prática da ética seja possível, a comissão sugere a criação de novas disciplinas a serem incluídas no currículo escolar que possibilitem um desenvolvimento humano real, como por exemplo, o conhecimento de si mesmo. Nas palavras de Delors (2000, p. 11; 15): “A Comissão não resistiu à tentação de acrescentar novas disciplinas, como o conhecimento de si mesmo e dos meios de manter a saúde física e psicológica [...] educação básica que ensine a viver melhor, através do conhecimento, da experiência e da construção de uma cultura pessoal”.

³ A nossa compreensão de espiritualidade é baseada na perspectiva de Yus (2002). Este autor afirma que a espiritualidade é: “[...] um estado de conexão de toda vida, respeitando a diversidade na unidade. É experiência de ser, pertencer e cuidar. É sensibilidade e compaixão, diversão e esperança. É o sentido de encanto e reverência pelos mistérios do universo e um sentimento do sentido da vida. É movimento em direção às mais altas aspirações do espírito humano.” (YUS, 2002, p.19).

O desenvolvimento humano, portanto, tem a função de promover o bem-estar dos seres humanos, no sentido de possibilitar-lhes uma vida digna. O trabalho, nessa perspectiva, deve proporcionar a condição de atender às necessidades físicas, educativas, emocionais, psicológicas, afetivas e espirituais, não só do indivíduo, como também das pessoas que dele dependem. Cabe a educação possibilitar tal formação.

Uma das tarefas da educação é, pois, desenvolver práxis que possibilitem o desenvolvimento da compreensão e da consciência do ser humano, bem como, prepará-lo para saber pensar, discernir, sentir, agir de forma que possa responsabilizar-se pela sua vida e pela forma de viver da humanidade. O processo educativo precisa, ainda, ensinar o indivíduo a viver e atuar como um cidadão ético, consciente de que o seu fazer gera consequências não só para ele mesmo, mais para todo o seu entorno, para sua família, seu trabalho, para meio ambiente e a para sociedade da qual faz parte. Desta forma a educação pode possibilitar aos seres humanos meios/instrumentos que o ajudem a se conscientizar da necessidade do “bem comum”, de pensar e agir para o bem da coletividade.

Essa mudança do conceito de desenvolvimento humano só será factível a partir de uma nova visão de mundo, de um novo olhar para a vida e para a humanidade. Para que a transformação possa ocorrer, e aqui recorremos a Sócrates, é indispensável que o ser humano reconheça a sua ignorância acerca si mesmo e a sua submissão aos padrões (sócio-culturais, econômicos, religiosos, educacionais) impostos. A conquista desse reconhecimento se dá, também, a partir de um mergulho profundo no auto-estudo, para uma posterior transmutação de valores.

Os representantes da UNESCO, assim como muitos educadores, a exemplo de Freire (1992) dentre outros, clamam por uma nova perspectiva do processo do desenvolvimento humano, na qual o conceito de desenvolvimento não se reduza a questões técnicas e econômicas. Nesta nova perspectiva, espera-se que a educação e a ciência não mais cometam o erro da redução da condição humana e passem a refletir, a ver e a trabalhar pelo desenvolvimento do ser humano como um todo integral, inter-relacionado, integrado que necessita perceber-se dotado de poderes como: capacidade de ser aprendiz de si mesmo ou de autoconhecer-se, de criar, de imaginar, de amar, de dialogar, de se relacionar de forma construtiva, significativa, solidária, ética e amorosa e, assim, seja capaz de “viver juntos”, tanto com outros humanos, quanto com todos os demais seres da natureza.

O APRENDIZADO DO “SEI QUE NADA SEI”

A consciência em relação à sua auto-ignorância, evidente na frase socrática “Sei que nada sei”, representa uma abertura para a busca do saber, que começa pela busca do indivíduo para saber sobre si mesmo. É um estado de abertura para a auto-investigação, para a autoconsciência. Esta tomada de consciência pressupõe a percepção por parte do indivíduo de que seu comportamento é, na maioria das vezes, determinado por convenções, pelo modelo sócio-cultural-econômico com o qual ele se relaciona. Passa também pela busca de percepção das ilusões da autoimagem (falsas verdades, às quais o ser humano se apegava para sobreviver sem questionar, e as pseudoverdades estabelecidas). Sobre essa questão Pessanha (1987, p. XVIII, grifo do autor) diz:

Mas essa ignorância, que é um atributo de Sócrates, não é geralmente assumida pelas outras pessoas, que se julgam na posse de “verdades”. Torna-se necessário, portanto, levá-las, de saída, a despojar-se dessas pseudoverdades – única forma de torná-las aptas a caminharem em direção ao conhecimento de si mesmas. A demolição das falsas idéias que fundamentam a falsa imagem que as pessoas têm delas próprias é o que pretende a *ironia*: momento do diálogo em que Sócrates, reafirmando nada saber, força o interlocutor a expor suas opiniões, para, com habilidade, emaranhá-lo na teia obscura de suas próprias afirmativas e acabar reconhecendo a ignorância a respeito do que antes julgava ter certeza.

Reconhecer a própria ignorância e, principalmente, admitir que não conhece a si mesmo é uma tarefa difícil para o ser humano. Talvez por isso, Pítia, sacerdotisa do Templo de Delfos, tenha dito que Sócrates era o mais sábio dos homens. Ele ousou reconhecer a própria ignorância, perseverou na busca do conhecimento sobre si mesmo e foi mais longe, contribuindo para a libertação de seus semelhantes. Geralmente, a pessoa adota de tal maneira a forma de pensar, de agir e de ser do contexto social e cultural do qual faz parte que não tem consciência de seu estado de alienação ou da ilusão. Assim, se fecha em pseudoverdades, deixando de utilizar um dos grandes instrumentos para o desenvolvimento do homem: a liberdade de reflexão e a liberdade para fazer uma análise crítica de si mesmo (autoconhecimento), dos conceitos, idéias e padrões que recebeu e interiorizou como verdades.

A falta de autopercepção faz com que o indivíduo não compreenda que suas atitudes e suas condutas são, geralmente, simples repetições das aprendidas com a família, com a escola e com a sociedade. Deste modo, o indivíduo e, principalmente, aquele que pretende ser educador necessita reconhecer, com humildade, que não sabe tudo, que tem muito a aprender, inclusive sobre ele mesmo, e que precisa estar aberto, desejado e disposto a aprender, conhecer e compartilhar.

VIVER O PROCESSO DO “CONHECE-TE A TI MESMO”

O autoconhecimento pode ser entendido como um processo de educação transdisciplinar, sendo, aqui, considerado como um tesouro para um indivíduo, já que lhe possibilita saber quem ele é, como funciona o seu pensamento, o seu sentimento, as suas emoções e as demais dimensões do humano. O autoconhecimento permite, também, o conforto com as diversidades e a responsabilidade do indivíduo ao reconhece-se semelhante, interligado e interdependente do(s) outro(s) e da natureza.

Segundo Pessanha (1987, p. XXI, grifos do autor), a episteme era considerada por Sócrates como um tipo de conhecimento que difere da opinião e que não pode ser ensinado “o conhecimento de si mesmo, a autoconsciência despertada e mantida em permanente vigília”. A episteme, nessa perspectiva, não é apenas uma ciência das coisas ou dos conhecimentos voltados para a aquisição de bens materiais e de prestígio, ela é a ciência do autoconhecimento. Segundo esse pensador clássico, é através da episteme que o indivíduo pode tornar-se um ser humano autoconstruído a partir de seu próprio centro e capaz de agir de acordo com as exigências de sua alma-consciência: seu oráculo interior finalmente decifrado.

A “ciência” da autoconsciência é uma das maiores riquezas do ser humano e precisa ser despertada e atualizada a cada momento da vida do indivíduo. Ou seja, é um processo diário de atuação vigilante do ser humano para consigo mesmo. Processo esse que permite a autoconstrução do ser humano. Assim, o conhecimento de si mesmo não pode ser ensinado. A experiência, ou melhor, a vivência do autoconhecimento só pode ser realizada pelo próprio indivíduo. Podemos, apenas, sensibilizar o indivíduo, em especial o futuro educador, para a necessidade dessa vivência.

A autoconstrução acontece momento a momento, a partir da atenção vigilante do indivíduo em seu próprio processo para se tornar autoconsciente e capaz de perceber o significado real de seu existir. Na sua leitura socrática, Pessanha (1987, p. XXI) diz “[...] é o conhecimento de si mesmo, a autoconsciência despertada e mantida em permanente vigília”.

Decifrar esse significado só é possível pela liberdade do ser humano de perceber sua própria alma⁴ e torná-la consciente, ética e virtuosa. Desde Sócrates, ser virtuoso é ter sabedoria, temperança, justiça, fortaleza, conhecimento e buscar o bem para si mesmo e para a coletividade: “Pois bem, julgas que esta felicidade iguale a que nos dá a esperança de nos tornarmos melhores a nós próprios e aos nossos amigos?” (XENOFONTE, 1987, p. 56). Esse filósofo nos diz que a felicidade está no trabalho do indivíduo consigo mesmo, no processo de autoconstrução para se tornar um ser humano cada vez melhor, ou seja, um indivíduo virtuoso (ético, justo, amigo, digno...) para si mesmo e para seus semelhantes.

⁴ Segundo Reale e Antiseri (1990, p. 87, grifo do autor): “E por ‘alma’ Sócrates entende a nossa razão e a sede de nossa atividade pensante e eticamente operante [...] Para Sócrates, a alma é o eu consciente, ou seja, a *consciência* e a *personalidade intelectual e moral*.”

No padrão sócio-cultural-econômico atual, baseado no individualismo e na busca de conquistas materiais, a felicidade deixou de ser referência de paz, de virtude, de desenvolvimento interior no sentido do aprender constante, de busca de melhora consciente e contínua dos pensamentos e ações, visando não só o benefício próprio como o bem-estar do outro e da coletividade. Felicidade, hoje, passou a ser representada pela conquista de bens materiais, de prazeres pessoais expressos na possessividade (meu e para mim) que geram uma aparente realização momentânea e transitória que criam uma espécie de círculo vicioso de necessidade de contínuas conquistas fugazes, para manter o indivíduo na sensação aparente de bem-estar.

Segundo Xenofonte (1987, p. 56), Sócrates compreendia que a felicidade estava em minimizar as necessidades materiais e aparentes e em se aproximar da divindade. Na fala desse pensador: “Pareces, Antifão, colocar a felicidade nas delícias e na magnificência. De mim, penso que de nada necessita a divindade[...]”.

A felicidade na perspectiva socrática está diretamente ligada ao nível de proximidade que o indivíduo tem com a divindade, “[...] Que quanto menos necessidades se tenha, mais nos aproximamos dela. E como a divindade é a própria perfeição, quem mais se avizinha da divindade, mais próximo estará da perfeição” (Xenofonte 1987, p. 56). Esta aproximação depende do valor que o indivíduo atribui às necessidades externas e à quantidade dessas necessidades. Desta forma, quanto menos necessidades exteriores e materiais o indivíduo tiver, mais próximo estará do divino e mais feliz será.

Compreendemos que a busca constante e, muitas vezes, inconsciente por prazeres materiais, exteriores, pessoais e egoístas acaba por tornar a pessoa escrava de desejos supérfluos, de padrões adquiridos de forma inconsciente. Deste modo, o indivíduo torna-se um ser não virtuoso ou um indivíduo que não se conhece, não tem autodomínio, deixa-se levar por prazeres fugazes e necessidades aparentes, que não cultiva os valores da alma como: sabedoria, justiça, fortaleza, temperança e está, assim, distante de si mesmo e da divindade.

Resgatar os ensinamentos socráticos implica, também, em resgatar valores humanos primordiais que estão atualmente esquecidos. O egoísmo que se instalou na humanidade, o conceito de desenvolvimento voltado apenas para as conquistas materiais e exteriores fizeram com que a bondade, a solidariedade, a ética, a amizade e o bem comum se tornassem valores secundários na memória psicológica da humanidade. O autoexame, o exame cuidadoso dos demais e a prática da virtude é o que dignifica a vida humana: “[...] para o homem nenhum bem supera o discorrer cada dia sobre a virtude e outros temas de que me ouvistes praticar quando examinava a mim mesmo e a outros, e que vida sem exame não é vida digna de um ser humano [...]” (PLATÃO, 1987, p. 22).

“DIALOGAÇÃO SOCRÁTICA” E O AUTOCONHECIMENTO

Neste artigo vamos utilizar a *maieutica* como um exemplo de um método de autoconhecimento. Salientamos que a vivência desse processo é singular e a ser experienciado por cada indivíduo. Assim, não pode ser objetivado em um modelo. A abordagem socrática é apresentada como uma forma de demonstrar o valor da autoconsciência e, talvez, despertar nos futuros educadores o desejo de vivenciá-lo.

Sócrates era filho de uma parteira. Esta origem era demonstrada na sua forma de vivenciar e de contribuir para que outros vivenciassem o processo do autoconhecimento, através do diálogo. O parto socrático consistia em fazer com que seus discípulos “parissem” a si mesmos inspirados pela investigação sugerida pelo oráculo de Delfos: “conhece-te a ti mesmo”. Em algumas de suas abordagens, Pessanha (1987, p. XIX) refere-se à herança que esse pensador recebeu da mãe: fazer nascer não bebês, mas indivíduos conhecedores de si mesmos.

Provavelmente Sócrates encontrou uma forma própria para cumprir a inscrição do Templo de Delfos: a *maieutica*. Através dela, esse filósofo tentava ajudar seus aprendizes a mergulharem na *psiqué* para encontrarem, dentro de si mesmos, as respostas para suas inquietações e a buscarem a verdade sobre o homem e sobre a existência. Assim, o indivíduo, ajudado pela *maieutica*, aprendia não só a se conhecer, mas também a promover o próprio desenvolvimento, aprendendo a pensar por si mesmo, de forma livre, autônoma e criadora.

Uma das formas socráticas de cumprir o “conhece-te a ti mesmo” consiste no seu Sócrates de questionar dialogicamente com seus discípulos sobre idéias constituídas que eles tinham a respeito deles mesmos, da vida, do conhecimento, do ser humano. Com esse método possibilitava que eles percebessem que essas “verdades” não passavam de “chavões herdados”, de meras repetições sem sentido. Desta forma, ele ajudava os discípulos a refletirem e a elaborarem novas idéias e compreensões sobre as coisas a partir da reflexão crítica e da avaliação das “verdades” estabelecidas.

O “método socrático”, baseado no diálogo investigativo, no qual o indivíduo interroga-se sobre si mesmo, possibilita o autoconhecer-se, o libertar-se dos padrões e condicionamentos culturais e intelectuais que o aprisionam a verdades aparentes e pré- estabelecidas. A partir da vivência de um método individual de autoconhecimento, o ser humano pode aprender a pensar com autonomia, a refletir sobre si mesmo e sobre o que lhe é dado com discernimento e liberdade. O método socrático, por exemplo, ajuda o aprendiz de si mesmo a construir as próprias idéias, tendo como base os valores da própria alma.

A prática do “método socrático” consiste em uma experiência da vivência do autoconhecimento, pois permite que o indivíduo veja a si mesmo (crenças, pseudoverdades, costumes...), se autoperceba, se autoavale e aprenda a dialogar. Criar e vivenciar o método de autoconhecimento é fundamental para o desenvolvimento

humano porque pode possibilitar ao indivíduo a percepção da sua “programação psicológica”⁵, cheia de idéias pré-concebidas, herdadas da cultura e do contexto no qual vive. A vivência do processo de autoconhecimento pode proporcionar ao aprendiz de si mesmo a condição para que possa se libertar conscientemente dessa programação e pensar por si mesmo, elaborando suas idéias a partir do autoconhecimento e do significado da própria vida. Entretanto, essa possível conquista exige do aprendiz um esforço radical e um compromisso pessoal de responsabilizar-se pela construção de uma vida com significado.

A “dialogação socrática”, expressão utilizada por Pessanha (1987), traduz o diálogo de Sócrates com seus discípulos e com ele mesmo. Consiste em um renascimento, já que possibilita à pessoa reconhecer a própria ignorância, a conseqüente libertação dos padrões, condicionamentos e o reencontro com a própria alma. Assim, reencontrar a própria alma corresponde a aprender a utilizar a razão, a consciência com autonomia e a liberdade.

A importância do diálogo para a comunicação e a relação humana, resgatada por Martin Buber (1974), David Bohm (1996), Paulo Freire (1992) e Noemi Salgado Soares (2001 e 2003), entre outros, pode ter se originado nos diálogos socráticos. Pessanha (1987) considera que Sócrates dialogava para cumprir a sua missão de ajudar os seres humanos a vivenciarem o “conhece-te a ti mesmo”. Ele diz: “No cumprimento da missão de que se sente encarregado, Sócrates dialoga [...] Orientado por seu ‘demônio’ (*daimon*), espécie de voz interior [...]” (PESSANHA, 1987, p. XVIII).

O diálogo tem o poder de ajudar o indivíduo a penetrar em sua ‘própria alma’ e reconhecer o quanto ela está povoada de conceitos obscuros, formulados por outros seres e instituições que habitavam o indivíduo, determinando o seu pensar e atuar sem que ele percebesse. A falta de percepção dessa condição de alienação se deve ao fato da falta de reflexão do ser humano sobre seus pensamentos, suas idéias, suas condutas, ou melhor, sobre ele mesmo.

Assim, um dos objetivos do diálogo, desde Sócrates é contribuir para a formação da alma do ser humano, para que ele possa penetrar em si mesmo e reconhecer a sua situação de forma clara e objetiva. Esse reconhecimento possibilita a autoconstrução de um novo e virtuoso cidadão. O diálogo tem, pois, a capacidade de contribuir de forma lógica, racional e reflexiva para o desenvolvimento da autoconsciência e/ou para que o indivíduo possa tornar-se aprendiz de si mesmo.

⁵ Segundo Soares (2003, p. 1), programação psicológica consiste em uma estrutura coletiva e ancestral que condiciona o ser humano, tornando-o “auto-ignorante de si mesmo”, que também não sabe “ver e ouvir o outro como outro” e gera seres humanos e relações humanas “doentes”. De acordo com a autora, a programação psicológica “[...] submete-escraviza o ser humano ao vício de uma existência movida por atitudes reativas, motivadas pelo condicionamento do preconceito, da alienação, da ânsia de poder, da inveja- ciúme, da comparação, da competição, da projeção do vir-a-ser, da exigência de se obter logro nas relações com o outro, na vaidade-soberba ontológica alicerçada na ilusão da separatividade humana”.

A experiência do diálogo contribui também para que o indivíduo possa se perceber como um ser aprendente, que está em constante autoconstrução. Esta compreensão parte de um dos pressupostos socráticos básicos: “[...] apenas sabia que nada sabia [...]” (PESSANHA, 1987, p. VIII).

O não saber socrático, segundo Reale e Antiseri (1990, p. 97), refere-se: “[...] não só a uma ruptura do saber dos naturalistas, dos sofistas, dos políticos e dos cultores das artes, mas à relação entre o saber dos homens e o saber de Deus.” Na perspectiva desses autores, este filósofo grego considerava frágil e pequeno o saber do homem e atribuía o verdadeiro saber ao divino. Considerava ainda que o saber divino só pode ser percebido pela alma purificada ou a alma do indivíduo que se tornou virtuosa, através da busca de si mesmo.

O fato de um ser humano tomar consciência de que não sabe tudo deixa a possibilidade de saber em aberto e mostra a sua abertura para o ‘aprender contínuo’, para aprender a aprender com as infinitas oportunidades de aprendizado que a vida oferece, inclusive em suas tensões de desconstrução e construção. O contrário, ou o achar que já sabe, promove uma atitude de fechamento, de rigidez que o leva a se fechar em seu casulo de aparente saber tudo e a perder a possibilidade de aprender e se desenvolver a cada momento, com cada circunstância. A atitude de reconhecer que não sabe tudo demonstra, também, a humildade diante da grandeza e da imensidão das possibilidades humanas a serem conhecidas e desenvolvidas pelo indivíduo que toma a si mesmo como ponto de partida. A humildade impulsiona o ser humano a ousar conhecer e a rever, continuamente, suas crenças, preconceitos, conceitos, idéias, atitudes, pensamentos e sentimentos.

O ‘não saber’ é também uma atitude de profunda reverência à sabedoria existente no interior de cada ser humano. A intenção de ajudar os homens a se tornarem autoconscientes e a vivência incansável da *maieutica* fizeram com que Sócrates fosse chamado de curador de almas e, por isso, condenado à morte. A atitude profundamente amorosa desse filósofo, como curador de almas, é assim descrita por Pessanha (1987, p. XIX):

Em algumas afirmativas que lhe são atribuídas, Sócrates compara-se aos médicos: como estes, ele submetia, quando necessário, o interlocutor- paciente à purgação da ironia, condição preliminar para a recuperação da saúde da alma, que seria o conhecimento de si mesma. E, na verdade, o sentido da filosofia – que ele identificava com sua sagrada missão – era o de conduzir o indivíduo a pensar como quem se cura: pensando palavras como quem pensa feridas.

A vivência do processo de autoconhecimento tem um poder tal que chega a ser uma das possibilidades de autocura do ser humano. Isto porque a autoconsciência possibilita a percepção de que muitas das doenças e das dores do ser humano provêm das expectativas, dos desejos, das aparentes necessidades impostas pelos padrões do meio no qual foi educado, trabalha e vive.

Assim, tanto a inconsciência em relação à origem dos desejos e das expectativas quanto em relação à reação, à atitude e, mesmo, à obsessão para conquistá-los fazem com que o indivíduo, inconscientemente, passe a fazer qualquer coisa para atender àquelas expectativas, desejos e necessidades. Essa atitude de busca da satisfação das aparentes necessidades adoecce física e psicologicamente o ser humano e as suas relações. Dessa forma, tanto a corrida insensata para a satisfação quanto a frustração por não conseguir realizar as expectativas, desejos e aparentes necessidades adoecem a alma do ser humano.

No tocante à necessidade, já referida, de *demolição das fórmulas consagradas ou chavões herdados*. Consideramos que o início da autocura se dá a partir do momento em que o indivíduo penetra em sua alma e percebe que suas idéias e verdades não são exatamente suas, mas sim parte do modelo mental assumido. Deste modo, poderá conscientizar-se de si mesmo, reconhecer-se e, aos poucos, com muito trabalho de atenção e autodisciplina, libertar-se de alguns conceitos adquiridos que julgava seus. Ou seja, poderá mergulhar num processo não muito fácil e contínuo de autoeducação.

Desejamos, a exemplo de Sócrates, formar educadores dialógicos, iniciadores de indivíduos no processo da autoconsciência e, conseqüentemente, do desenvolvimento de si mesmo. Será que não é o momento de cada ser humano buscar o seu caminho para a própria libertação interior, para o autoconhecimento e a transformação de si mesmo em um ser humano cada vez melhor? Será que esses ensinamentos não devem fazer parte do currículo dos cursos de formação do educador? E quanto ao como fazer? Reafirmamos que o “como” é pessoal, fenomenológico. As abordagens deste artigo podem contribuir como referência para que o indivíduo perceba que existe a possibilidade da vivência do autoconhecimento. Assim, elas podem contribuir como instrumento de incentivo para aqueles seres humanos que queiram ser aprendizes de si mesmos.

A forma como Sócrates educava seus discípulos deve ser tomada como exemplo pela educação atual. Educar, para esse filósofo, era cuidar do Ser, ajudá-lo a conhecer a verdade a partir de si próprio, da autoconsciência. Educar é cuidar de si mesmo e do seu educando como um ser divino. É um cuidar amoroso, virtuoso, responsável pelo próprio bem-estar e pelo bem-estar da coletividade humana.

Aqui resgatamos o alerta de educadores para reafirmar que cabe aos processos de formação de educadores (e/ou aos seus organizadores) refletirem sobre essas questões, buscar despertar e contribuir para que os educadores, principalmente os de ensino básico, vivenciem o processo de autoconhecimento, de diálogo, de expansão da consciência e do aprender a amar. Esse aprendizado requer vivências pessoais, que possam contribuir com o educar transdisciplinar, integrativo e amoroso

dos co-participantes do processo educativo. Como fazer, já que essa questão, aqui colocada como fundamental, não é contemplada pela educação formal recebida por esses educadores? Como despertar nos responsáveis pela formação de educadores a necessidade do desenvolvimento ou do aprendizado do discernimento, do autodomínio, da autoconsciência e do amar?

Uma das possibilidades de que dispõe o educador, e mesmo cada indivíduo, para ajudar a si mesmo e ao outro, é aprender a se desenvolver enquanto indivíduo egoente⁶, ou seja, enquanto ser individual e participante de uma totalidade universal. Nesse caso, é aprender a se amar sem julgamento, sem preconceitos, a se aceitar como é, e concentrar esforços para se transformar e aprender a dialogar para compartilhar o que pensa e sente com seus semelhantes. É, ainda, aprender a receber *feedback*, retroalimentação para ter um conhecimento cada vez maior dele mesmo e aprender a se educar constantemente e melhor se relacionar. É “aprender a ser aprendiz de si mesmo” (LIMA, 2007, p. 131-132). E, mais, aprender, pós-socraticamente, já na perspectiva bakhtiniana, em interação com textos. Através do dialogismo que a leitura de textos propicia conhecer, o que exige outra concepção de diálogo. A do dialogismo em que o texto, sendo um enunciado, “tem um sujeito, um autor (falante, ou quem escreve)” (BAKHTIN, 2003, p. 308). Aprender com “as relações dialógicas entre os textos e no interior de um texto. Sua índole específica (não lingüística)”. (idem). E assim, compreender o sentido da conjunção bakhtiniana “Diálogo e dialética.” (idem). Sentido que não é objetivo deste texto dar conta, mas que pretendemos explorar em outros que vamos nos ficar devendo escrever.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOHM, David. *Sobre el diálogo*. Barcelona, Espanha: Kairos, 1996. BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Mobraes, 1974.

CEPPEV – Centro de Pós-Graduação e Pesquisa Visconde de Cairu. *Módulo da disciplina Desenvolvimento de Seres Humanos*. Profa. Dra. Noemi Salgado Soares. Salvador, 2002.

DELORS, Jacques. Prefácio. In: DELORS, Jacques et al. *Educação um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2000. p. 11-32.

⁶ De acordo com Soler (1978, p. 55-56, grifos do autor), egoência significa: “[...] relação particular do homem consigo mesmo e com a *totalidade* da vida, não como conceito, mas como vivência de uma consciência participante [...] o homem se constitui como centro de integração e harmonia de valores humanos e divinos. A realização desta harmonia como vivência individual se traduz em uma participação na vida de todos os homens: egoência do ser”.

_____. et al. *Educação um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2000.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LIMA, M. Lucileide M. Ser aprendiz de si mesmo: O autoconhecimento para o desenvolvimento humano nas organizações. Salvador-Ba: Quarteto, 2007.

PESSANHA, José Américo Motta. Sócrates – vida e obra. In: OS PENSADORES. *Sócrates*.

4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. VII-XXII.

PLATÃO. Defesa de Sócrates. In: OS PENSADORES. *Sócrates*. 4. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1978, p. 3-27.

PLATÃO. *O banquete*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991

REALE, Giovanni; ANTISERI Dario. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990. SOARES, Noemi Salgado. Uma pedagogia do autoconhecimento como alicerce da ação educacional do século XXI. *ÁGERE: Revista de Educação e Cultura da Pós-Graduação da*

UFBA, Salvador, n. 1, p. 107-133, 1999.

_____. Defesa da tese de doutorado “Sobre uma pedagogia para o autoconhecimento: diálogo com algumas concepções educacionais de Jiddu Krishnamurti”. *ÁGERE: Revista de Educação e Cultura da Pós-Graduação da UFBA*, Salvador, n.3, p. 145-169, 2001.

_____. A comunicação dialógica para o desenvolvimento humano. *Revista da Pós-Graduação da Fundação Visconde de Cairu*, Salvador, n. 11, p. 145-172, set.2003.

SOLER, Ramón P. Muñoz. *Germes do futuro do homem*. São Paulo: ECE, 1978. XENOFONTE. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates. In: OS PENSADORES. *Sócrates*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 29-165.

YUS, Rafael. *Educação integral uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: ARTMED, 2002.